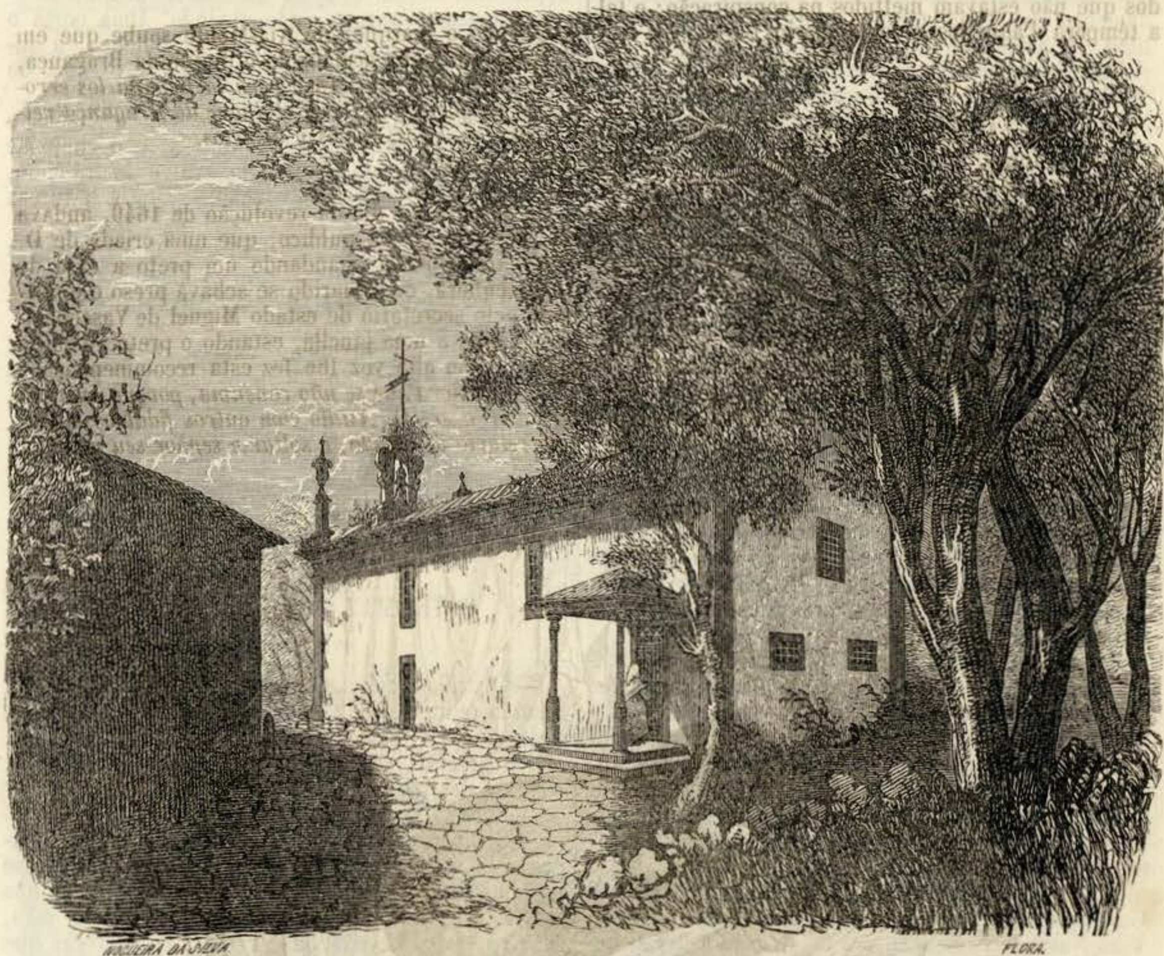


Villa Nova de Famelicão — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Flora

Dependem de muitas e diversas condições o desenvolvimento e prosperidade de qualquer povoação: porém nenhuma é tão poderosa e efficaz como a de uma situação geographica vantajosa.

A terra que possue esta condição, ainda mesmo na falta de outras, engrandece-se infallivelmente. E até resurge em breve das suas ruinas, se acaso a vem prostrar o facho da guerra, ou algum cataclismo da natureza.

A que não desfructar tal vantagem, póde estar no meio de um paiz fertilissimo, cercada de riquezas naturaes, e animada por habitantes industriosos, que, se o progresso civilisador, ou alguma causa extraordinaria, não vier supprir-lhe de algum modo aquella falta, conservar-se-ha estacionaria, ou o seu crescimento ha de ser imperceptivel.

Se esta verdade precisasse ser demonstrada, não era necessario ir buscar os exemplos fóra de casa. Temol-os no paiz. A povoação que nos provocou estas considerações, Villa Nova de Famelicão, é o exemplo do primeiro caso. Do segundo seja a cidade d'Evora.

Evora acha-se collocada no centro da mais rica provincia de Portugal, mais rica pela fertilidade do solo, pela abundancia e variedade dos productos, e pelo alto valor de cada um d'elles.

Quanto a capitaes, isto é, moeda metallica, nenhuma terra do reino lhe passa adiante, exceptuando Lisboa e Porto, e talvez, se fôra possivel fazer-se um calculo de justa proporção, se podesse asseverar que não será muito inferior a estas cidades.

Os habitantes não são um modelo de actividade e industria, como no Minho; mas não deixam de ser trabalhadores, e tanto o são, que achando-se alli a propriedade pouco dividida, não ha terra em Portugal, apesar d'isso, que tenha menos pobres.

As communicações não eram boas, mas não eram más, sobre tudo d'Evora até Aldeia-gallega. N'um terreno como aquelle, sem montanhas, sem rochas, perfeitamente plano, e apenas cortado de pequenas ribeiras, encarregára-se a Providencia de fazer estradas naturaes soffriveis.

Pois apesar de tão grandes condições de prosperidade, Evora conserva-se toda dentro das muralhas erguidas por D. Affonso IV, D. Pedro I, e D. Fernando. E se este ultimo soberano lhe acrescentou unicamente, como se presume, algumas torres, são passados cinco seculos, em que tantas gerações se tem succedido, sem que a população tenha rompido o cinto de pedraria com que a apertaram n'aquellas remotas eras.

A razão d'este perfeito estado de paralysia é porque Evora carece da condição mais essencial ao desenvolvimento das cidades, que é sem questão uma situação geographica natural ou artificialmente vantajosa ao commercio e ao trato dos homens. Voltemo-nos agora para Villa Nova de Famelicão.

Está sentada esta villa em terreno baixo e plano, cinco legoas ao norte do Porto, e tres ao sul de Braga. Passa-lhe pelo meio a estrada que liga estas duas cidades.

Teve principio esta povoação em uma casa de ven-

da que alli estabeleceu um homem chamado Famelião. Não temos encontrado noticia da epocha em que isto succedeu. Porém suppomos com algum fundamento que foi no reinado de D. Diniz, ou de seu filho, D. Affonso IV.

Este Famelião casou com uma criada dos condes de Barcellos, que tinha o appellido de Mota. Ainda alli ha um sitio chamado o *Carvalho da Mota* em memoria de uma arvore d'este nome plantada pela esposa de Famelião.

Com o andar do tempo foram-se construindo algumas casas junto da venda, até que vieram a formar uma aldeia, que tomando d'aquella o nome já corrompido, se denominou aldeia de Famelicão.

Foi creada villa com o nome de Villa Nova de Famelicão, sendo uma terra ainda de mui pequena importancia. E assim continuou, de modo que no principio do seculo passado apenas contava cem fogos.

Passaram-se mais cento e cincoenta annos, e a sua sorte pouco melhorou. E todavia cobre-a um ceo benigno, rodeam-na bellos campos mui productivos; corre-lhe o rio Ave a pouco mais de uma legoa de distancia; regam-lhe o seu territorio o rio de Santiago de Antas, e outro ribeiro; encerra uma população laboriosa; e fica quasi no meio caminho das duas principaes cidades da provincia do Minho. Pois não bastavam todas estas circunstancias para o seu engrandecimento.

Faltava-lhe tambem a tal condição essencialissima. Porém teve a fortuna de que os homens lhe dessem o que a natureza lhe tinha negado.

Resolva-se o governo a dotar a provincia do Minho com boas estradas. Tratando logo de ligar com a cidade do Porto as grandes povoações do interior e beiramar, escolhe Villa Nova de Famelicão para o ponto de confluencia da maior e melhor parte d'essas arterias vitaes.

Abrem-se as magnificas estradas macadamisadas de Guimarães, de Barcellos, de Vianna, e de Caminha. Villa Nova de Famelicão é o logar onde todas se encontram juntamente com a de Braga, feita anteriormente, e d'onde seguem em tronco commum para o Porto.

Organisam-se em breve emprezas de diligencias, que põem em communicação rapida e diaria todas aquellas terras com a segunda cidade do reino.

Cortando uma provincia populosa, e habitada pelo mais activo e industrioso povo de Portugal, todas essas estradas assumem de repente extraordinario movimento. Não são as diligencias as unicas carruagens que lhes dão animação. Innumeraveis vehiculos de todo o genero transitam constantemente por essas estradas em todas as direcções. E como Famelicão dista do Porto cinco das nossas antigas e grandes legoas, é um ponto obrigado de descanço para os viajantes.

Achando-nos no Porto em outubro proximo passado, referiu-nos uma pessoa que acabava de chegar de Villa Nova de Famelicão, que vira e contára, em um dia d'esse mez, nas ruas d'esta villa, trinta e cinco carruagens publicas e particulares paradas ás portas das hospedarias.

Villa Nova de Famelicão já não é a mesma terra de ha seis annos. Quem a viu então, e visita hoje, desconhece-a inteiramente. Os novos predios que alli se tem edificado ennobreciam qualquer grande cidade. E a edificação continúa de um modo pasmoso a levantar não casas humildes, mas sim extensas propriedades com dois e tres andares. Os capitaes empregados e em movimento tem vindo do Brasil, trazidos por varios filhos d'aquelle concelho.

Este impulso, que já operou uma transformação, será precursor de outros milagres do progresso civilisador, não só porque é de per si uma força attrahente de novos motores de prosperidade, mas tambem porque vae ter em breve mais larga area de acção. Alli devem confluir duas novas estradas importantissimas que se estão abrindo. Uma corta o alto Minho até acabar na praça de Valença; a outra ha de atravessar uma parte da provincia de Traz-os-Montes, terminando na praça de Chaves.

Eis-aqui, pois, exemplificado o grande poder de uma situação geographica vantajosa, e o como se póde conseguir pelo esforço da arte e do trabalho, dotar uma terra com esse beneficio que a natureza lhe recusou.

Villa Nova de Famelicão tem uma unica parochia da invocação de Santa Maria. A pequena egreja, que se vê representada na estampa junta, é dedicada a Nossa Senhora da Lapa.

Esta villa é actualmente cabeça de comarca, e portanto residencia de um juiz de direito. Fazem-se n'ella duas feiras annuaes muito concorridas, e de bastante movimento commercial. Começam a primeira a 8 de Maio, a segunda a 29 de setembro.

Nas quartas feiras de cada semana tem um bom mercado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O THOMAZ DOS PASSARINHOS

(Vid. pag. 286)

— Quando meus paes quizeram que eu estudasse, quando tentaram que eu aprendesse ou trabalhasse, senti em mim uma voz que me dizia: não trabalhes, não é preciso; has de ser rico, muito rico; espera, confia e descança.

— E tu?

— Sempre que me aproximava do trabalho, sempre esta voz me fallava; se eu insistia, tornava-se mais aspera, reprehendia-me, accusava-me de não ter fé. Por fim... não estava mais na minha mão, fugi ao trabalho, não pude resistir ás palavras que ouvia a todo o momento.

— Pobre Thomaz!

— Quando comecei a abandonar a casa para vir deitar-me para debaixo d'esta arvore, parecia-me que as flores e as plantas se debruçavam para mim e diziam umas ás outras: É mais um irmão que chega, bem vindo seja entre nós.

E eu sorria-me para as hervinhas e para as arvores, e a umas e outras dizia tambem: Eis-me, queridas irmãs, que saudades eu tinha vossas, como me batia o coração com pena! — Eis-me, ó irmãs, e não vos deixarei mais!

Depois de pensar muito, quiz n'uma occasião da minha vida mudar o modo de viver. Um caso fez, porém, com que eu continuasse a seguir os conselhos da voz que cá bem dentro dizia: Descança e tem fé.

— Um caso?

— Sim.

E Thomaz contou-lhe como entrára na egreja e o que ouvira ao prior, bem como a maneira por que, instando com elle para que lhe ensinasse aquellas palavras, chegára a aprender a ler.

— E sabes ler, Thomaz?

— Soube, esqueceu-me.

— Pois nem conheces as letras?

— Não.

— E se eu quizesse aprender?

— Talvez me recordasse.

— Has de recordar-te, sou eu que t'o peço; mas continúa.

— Embrenhado n'estes pensamentos, um dia que alargava a vista pelos campos, e que pretendia mergulhar os olhares no ceo, lá bem longe n'aquelle ponto em que tu divisaste ha pouco uma nuvemsi-

nha, vi avultar uma figura branca, tão transparente, tão formosa porém, ai tão formosa! que arrebatava olhar para ella... Mas porque estás tão triste? borbulham-te as lagrimas nos olhos!

— Lembro-me do que me disseste, Thomaz, que me achaste feia, e tenho pena de o ser.

— Não penses em tal. Formosuras d'aquellas não as ha na terra, nem sei mesmo, minha Agueda, se as haverá no ceo. Entretanto eu vi todas as tardes aquelle vulto illuminado no meio de resplendores de fogo, e dos raios scintillantes do sol presente. Depois, ao cair da noite, ia-se sumindo pouco a pouco na escuridão até que uma só estrella a substituia no ceo.

Se visses que melancolica luz espalhava aquella estrella! Acreditei que o meu anjo da guarda me apparecia, e que a estrella que de noite scintillava mais resplandecente do que todas as outras, fôra cravada nos ceos pela mão do Senhor para me esclarecer quando as trevas envolvessem a terra.

— Mas dizias que te fallava!

— Pouco a pouco comecei a comprehender que me fazia gestos como indicando-me um ponto muito afastado dos ceos. Parecia que lá muito longe estava a felicidade que eu anhelava. Um dia ajoelhei e pedi-lhe que me fallasse, que me dissesse o que significava aquelle gesto constante a mostrar-me a immensidão.

— E respondeu-te?

— Não é mais harmonioso o som do orgão quando, depois de tocado, parece gemer saudoso na egreja; não é mais suave o canto da viração da tarde rumorejando pelo arvoredo, nem o lamentar ao longe do rouxinol em madrugadas de maio.

— E disse-te?...

— «Pobre de ti, que procuras a felicidade na terra! Está bem longe, e tão longe que nem tens olhos que a alcancem, nem a tua mente a imagina. Queres ser rico, queres ser feliz? Louco! Não ha de ser ahi que encontrarás nem riqueza, nem felicidade. Chegará um dia em que me sigas, e então verás patentes thesouros que nem suppões, felicidades que nem imaginas.»

— Era a tua cabeça que desvairava, meu Thomaz!

— Não era, Agueda, não era. Levantei-me para seguir direito o caminho que me apontava; mas, ao calcar as primeiras hervinhas, ouvi, entre os seus gemidos, que me chamavam ambicioso! louco!

— As hervas?

— Sim, as hervas. Voltavam-se para mim, e apontando-me para os campos, onde viviam, censuravam-me por as deixar: «Para que partes? Não tens o pão que te alimenta, o sol que te dá calor, o ar que te nutre a respiração; não vês como vivemos contentes no mesmo logar, amando-nos umas ás outras, bebendo a agua dos ares, e aquecendo-nos ao sol?»

— E pensaste então em amar?

— Pensei! Depois, quando volvia para debaixo da minha arvore, as avesinhas, brincando umas com outras, diziam: «Não é preciso ir longe para ser feliz. Este pobre rapaz quer deixar-nos, e nós podiamos ensinar-lhe como se encontra a felicidade. Uma arvore nos abriga, um ninho serve de berço a nossos amores, uma folha nos resguarda do sol, a semente que cae no chão nos sustenta, a agua que as covinhas conservam nos mata a sêde. Sabemos amar e viver; amâmos e somos felizes.»

— Seguiste o conselho das aves?

— Segui. No dia immediato a visão sorria menos melancolica, e ao perguntar-lhe se devia partir, respondeu-me: «Não ouviste as hervinhas do campo e as avesinhas do bosque? Sê humilde como ellas são, contenta-te com o que te satisfaz, e serás, como ellas, feliz.»

— Mas como havemos de viver assim, meu Thomaz? Não podemos habitar um ninho, nem uma leira dos campos.

— Ouve-me até ao fim. Quiz amar para ser feliz; mas todos me voltavam a cara, ou me apontavam dizendo: Olha o Thomaz idiota! o Thomaz dos passarinhos! Só a minha visão me sorria boa nos ceos, em quanto todos na terra se riam de mim como uns maus.

Perdi as esperanças de encontrar quem me tivesse amor, e procurei amar aquella que me queria. E sempre a via, sempre lhe fallava no meu querer, e ella sempre se curvava para mim, e tristemente me dizia: «Estamos longe, muito longe!»

E entretanto as aves e as plantas contavam-me os seus amores, e animavam-me tambem.

Vi-te, Agueda, e ao passo que mais a miudo me appareceste, mais fui querendo á tua presença; por fim não podia já passar sem ti, e nas horas em que devias chegar mais me palpitava o coração.

— Querer-me-hias, por ventura?

— Não sei. Se amor é um sentimento que nos prende a idéa ao ente amado, se amar é o sacrificio da nossa vida á que se ama, se amor é ser todo de uma só mulher, e só d'ella, eu não te amo porque bem quero áquella imagem, e a sua lembrança corta-me os pensamentos que te consagro. Olha, não sei como te explique o que sinto. Quando quero comprehender-me, julgo-me tambem idiota, como me chamam todos. Não ha mulher para mim que te valha, mais rica ou mais formosa que fosse; mas tambem nada ha que seja em mim superior á idéa d'aquella imagem. Quando vou levado pelo pensamento para ti, sobresalto-me a meio caminho, arrependo-me de me esquecer d'ella, e fico em contemplação a adoral-a. Quando ella se some, appareces-me tu. Sabes? Creio que amo a ambas, a ella com o amor do ceo, a ti com o amor da terra.

Agueda suspirou, e limpou uma lagrima que lhe escorregava pelas faces.

— Porque suspiras?

— Tenho ciumes da tua visão: e depois, bem vês que não podêmos casar nunca.

— Sabes que lá bem longe ha terras em que as riquezas não faltam?

— Sei.

— Sabes que é para bem longe que o meu bom anjo me chama?

— Assim m'o disseste.

— Pois se tu quizeres casar commigo, irei após a minha querida visão, seguirei o seu gesto, e tenho por fé que ao voltar serei rico, que o esperei sempre, serei feliz, que m'o assegura ella.

— Enlouqueceste, Thomaz?

— Nunca estive mais em meu juizo.

— Pois queres sósinho, sem meios, sem conhecimentos, ir por esse mundo de Christo, atravessar os mares, fazer uma viagem tão grande! Dizem que d'aqui ao Brasil é um por ahi além de legoas!

— Sei; que importa isso! Tenho pensado muito, commigo aqui, e com a minha boa imagem além. Não tenho palavras para dizer o que vae cá por dentro, nem que as tivesse as deitava ahi a qualquer. Póde ser que eu seja idiota; mas parece-me que mais o são aquelles que m'o chamam por não lhes fallar, nem lhes dar satisfações da minha vida.

Humildes são as plantas, mais atrevidas as aves, mais atrevidas ainda as nuvens dos ares e as estrellas dos ceos. Quanto maior é o seu atrevimento, mais longe vão.

O homem que vive cá n'este mundo estreme de todos, sem querer deixar rasto de si, nem coisa al-

guma que o lembre passada a sua hora, é como a planta lançada á terra pela mão de Deus. Nasce, medra, e morre; deitam-lhe a foice, e fica-se por terra. Assim era eu; não tinha para quem trabalhar, não queria ser rico. Espera, dizia a voz; está muito longe a felicidade, repetia-me a visão; e eu esperava sem tentar os longes.

Mas quando o homem ama, não lhe chegam alguns torrões apenas, como para o pé do trigo. Vae longe buscar com que fazer seu ninho, percorre os ares como as aves, e em quanto a esposa o espera cuidando dos filhinhos, trabalha elle para sustentar uns e outros.

Assim poderia eu ser; mas não bastava.

Para ti, Agueda, que vás repartir commigo a tua vida, que te vás enlaçar commigo, como a videira se enlaça no carvalho; que vás ser minha mulher, sabes o que isto quer dizer: minha mulher... não basta o bago de trigo que sustenta o pardal, nem o bichinho que nutre a cotovia. Quero ir longe como vão as nuvens; quero correr mundo como correm as estrellas, que hoje espalham aqui a sua claridade, e depois allumiam outras terras; quero ao voltar com dinheiro para ambos, com o descanço para os que hão de ser nossos, dizer-te: Vês? E assim que um homem sabe amar.

E Thomaz transfigurára-se ao dizer estas palavras; a sua belleza varonil assumíra o que quer que era de extraordinario; parecia inspirado. Chispavam-lhe scentelhas dos olhos, aspirava com as ventas dilatadas os aromas da tarde, soltava os cabellos bastos á feição do vento. Erguêra-se em quanto fallava; a sua figura parecia mais crescida, cercava-o uma auréola de magestade, destacava-se do fundo escuro do tronco a que estivera encostado, recortava-se sobre o azul carregado do ceo, como um d'aquelles sacerdotes das florestas andaluzas, quando, colhido o agárico sagrado, erguiam os olhos, pediam a inspiração aos numes, e rasgavam o ar com o gesto, alargando os braços sobre as multidões curvadas.

Agueda desconhecia-o e admirava-o.

— Como és formoso assim, meu Thomaz, e como eu te avaliava tão mal! exclamou a pobre rapariga cedendo ao impulso de admiração.

Thomaz caiu em si, e tornou-lhe tristemente:

— Todos me tem julgado como eu não merecia. A solidão tem-me amadurecido muito, e se não fallo, penso. Dizem que o mocho é prudente e assisado, e entretanto nem trina como o rouxinol, não canta como a toutinegra, nem se veste de côres brilhantes como o pintasilgo. Em quanto todos dormem, vigia elle, em quanto folgam e brincam á luz do sol, mergulha-se no escuro e recata-se no seu souto. As horas de solidão valem mezes de viver com gente, e os dias de abandono ensinam mais do que os annos de carinhos e de meiguices. Eu, Agueda, tenho vivido sempre desamparado, só, e triste. Tenho pensado muito, assim eu tivesse palavras como tenho idéas; mas vou a fallar, não sei, e fico-me...

— Mas dizes coisas que nem eu comprehendo.

— Que queres? Os fructos quando vem ao chão, pedram-se e fazem-se ruins, ou amadurecem mais depressa. Não tinha quéda para ruim, deitaram-me por terra, e amadureci.

— E aprendeste tudo isso?

— Já foste á cova das rapozas?

— Deus me livre! Apparecem por lá as almas dos defunctos. O João da Josepha do tio Domingos foi lá ter atraz de uma ovelha, e viu uma aventesma surdir-lhe de um d'aquelles buracos. Pois tu já lá foste, Thomaz?!...

— Fui! Tudo quanto é fóra do commum tem agrados para mim. Quiz ver o que era. Entrei, e vi uma coisa que não esperava. Do tecto da cova desciam pinhas de pedras preciosas, que iam até ao chão e formavam columnas como as do altar-mór da egreja; mas quanto bem mais formosas! Pareciam feitas de bocadinhos de espelho. A luz que entrava pela bocca da cova, a que eu levava do archote, saltava de columna para columna, brincava n'aquellas laminasinhas, fazia zig-zagues, voltas, reviravoltas, como se fosse um cardume de luzi-lumes. E eram luzes de todas as côres, azues, vermelhas, verdes, côr de rosa, como n'aquelle fogo de vistas que deitaram os homens de Lisboa. Estonteava a vista olhar, andava a cabeça á roda.

— Bem dizia eu, Thomaz, era obra de feitiço, para que foste lá? E appareceu-te algum phantasma?

— Não! Perguntei uma tarde ao sr. padre prior o que eram aquellas columnas, e como estavam alli em pilha tantas pedras preciosas sem que tomassem conta d'ellas?

— E elle o que te disse?

— Que o que eu julgava serem pedras preciosas era a agua da chuva e nada mais.

— Ora!

— Era, sim. Gota a gota ia filtrando pela rocha e pendurando-se da pedra, como o pingo da fonte do casal das Cortiças, que se baloiça antes de cair, custando-lhe tanto a despegar-se. Mal uma não caía ainda, vinha outra abraçar-se com ella, e prendel-a mais. As que iam ao chão seccavam devagarinho, e deixavam a fazer altura a terra que traziam comsigo. Debaixo foram subindo, de cima foram descendo, e quando se uniram estava a columna prompta. Vieram novas gotas, foram baixando pela columna e parando aqui, detendo-se além, arrendaram-lhe o feitio, e recortaram-lhe as fórmas.

— Pois isso póde ser?

— Póde! E este milagre é obra da solidão, do socego, e da meditação bem escondida do mundo. A agua da chuva, que cáe nas ruas, faz-se lama, a que cáe nos campos secca-a o vento, ou encaminham-n'a os homens para as regueiras e levadas. A que cáe com força faz cheia e arrasta tudo; a que cáe de manso perde-se; mas a que, livre do vento e dos homens, goteja escondida, e escorre devagar entregue só a si, fórma columnas maravilhosas, e faz-se em pedras de valor. Aqui tens como eu tenho aprendido tambem. Fujo de tudo e de todos.

Ficaram ambos silenciosos por algum tempo. Agueda não comprehendia, mas adivinhava. Thomaz, que havia muito tempo não fallára tanto, parecia seguir calado o fio do discurso conversando comsigo. Foi a rapariga quem renovou o dialogo.

—Pois sempre queres partir?

—Quero. E tenção feita, e não mudo. Espera-me trez mezes, como eu tenho esperado annos. Ceifaram ha pouco os campos, por ahi não ha senão restevas. Calaram-se os passarinhos, acabaram-se-lhes amores, e somem-se para outros logares. Vou partir, Agueda; de dia seguirei o meu anjo, de noite a minha estrella; e quando a relva vestir esses prados, quando as aves cantarem de novo, ver-me-has regressar d'essas terras; e n'esta arvore onde temos passado tantas horas de felicidade, contar-te-hei quanto passei por amor de ti.

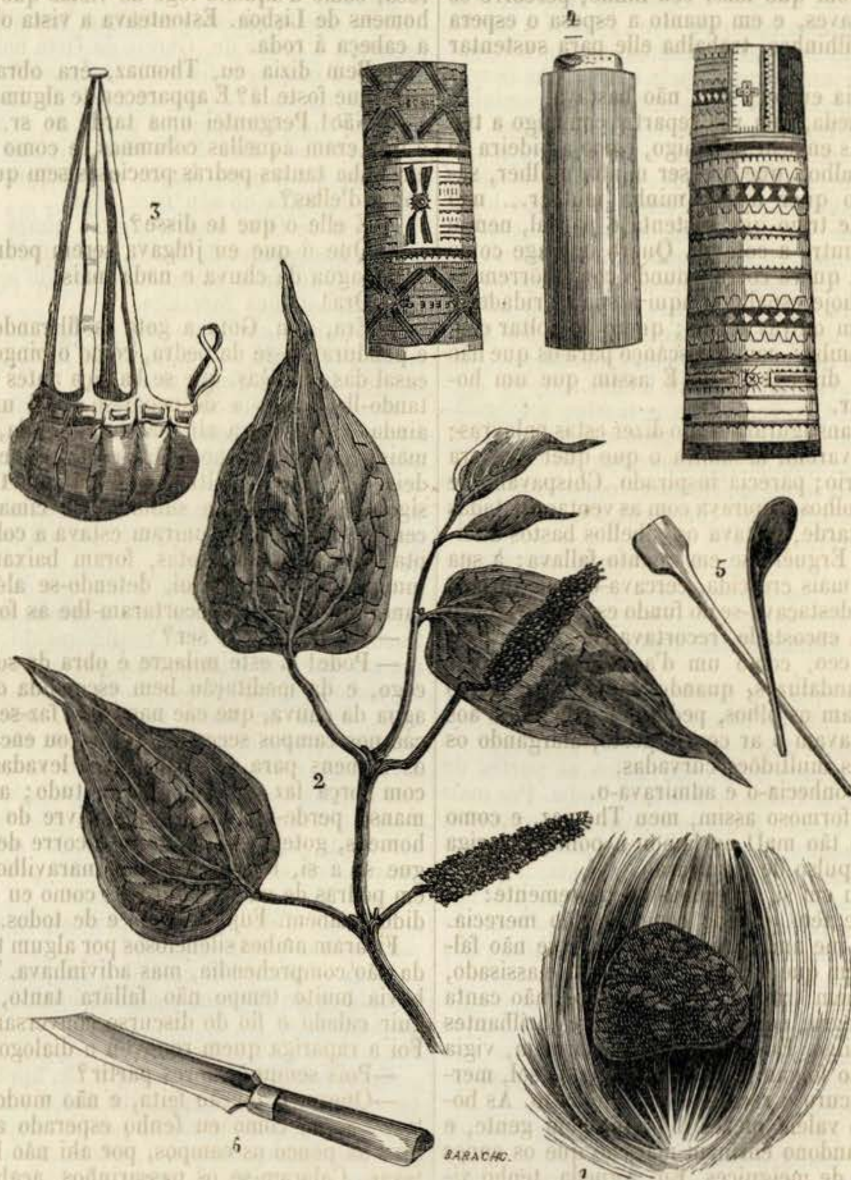
Debalde procurou a rapariga despersuadil-o. O caracter de Thomaz, como o de todos os espiritos concentrados, era teimoso. Pensava muito em qualquer resolução que devesse tomar; uma vez porém que a adoptasse, havia de seguil-a por força Poucos dias depois abandonava a aldeia. Agueda, soluçando, acompanhou-o até duas legoas fóra do logar.

Longo e triste fôra relatar a peregrinação do pobre rapaz. Pedia esmola para comer, quando tinha fome, deitava-se pelo caminho, quando se sentia cançado, ou abrigava-se em qualquer pousada, onde

o deixavam dormir. Ia seguindo porém sempre na mesma direcção, e para onde lhe parecia acenar a figura que se lhe representava em suas allucinações.

Houve quem, ouvindo-lhe dizer que queria ir longe tentar fortuna, o alliciasse para o Brasil. Thomaz perguntou para que lado ficava o Brasil; deram-lhe uma direcção. Errada ou verdadeira, esta direcção era a mesma que trouxera sempre. Acceitou.

Os que já conhecem Thomaz podem avaliar bem que desgraçado colono havia de ser, e por quantos tormentos não passaria. Entretanto, nem doenças, nem fomes, nem maus tratos, nem trabalho superior ás suas forças o desanimavam. Uma coisa só o trazia apaixonado. Não via n'aquelles ceos a sua estrella. Nos horisontes afogueados não descortinava a sua visão. Passaram annos, e Thomaz, apesar de tanto



O bétele e accessorios para usar d'elle — 1 Areca — 2 Bétele — 3 Bolsa para o trazer — 4 Estojo para cal em pó — 5 Espatula e colhér para fazer a mistura — 6 Faca para picar a areca

padecer, conservava ainda recatada na alma a santidade das suas aspirações. Ha temperas d'esta ordem, que, como as perolas, se conservam limpidas e puras no meio das correntes e das tempestades.

Houve quem se condoesse da sua sorte, e lhe proporcionasse passagem para Portugal. Acceitou-a reconhecido. Perdêra todas as esperanças de ganhar fortuna, voltava quebrado, doente, incapaz de trabalhar, mas vinha de novo para terras onde lhe apparecia o bom anjo e a boa estrella, onde conhecia o cantar dos passaros e o fallar das plantas, e onde tornaria a ver a sua Agueda. Porque nas suas concentradas horas de penar, posto que com menos força, a memoria de Agueda misturava-se com as saudades das suas visões, e dos seus conversadores do campo.

....

Á porta do boticario do logar onde Thomaz nascêra, e para onde havia pouco regressára, estava junta quasi toda a povoação; grande novidade ia pela botica, as velhas entravam, saíam, segredavam umas com as outras, levantavam os braços ao ar, e voltavam para saber e contar novas coisas.

Conseguimos entrar e ver o que tanto attrahia as attenções. O pobre Thomaz jazia banhado em sangue. Fôra encontrado, caído no fundo de uma trincheira, que andavam abrindo para o caminho de ferro. Quebrára a cabeça e os braços de encontro

ás pedras que estavam em baixo. Tinha pouco tempo de vida. Aproximei-me do moribundo; elle reconheceu-me logo e sorriu tristemente.

— O que foi isso, homem? perguntei-lhe.

— Acertei finalmente com a felicidade; não tarda; dentro em pouco vou ser rico.

Pensaram que já estava tresvariado. Eu só lhe disse que socegasse.

— Bem socegado estou, acabou-se-me para sempre a lida. Agueda tinha-se cançado de esperar, nem todos tem paciencia como eu tive... Corri á minha arvore, já a não encontrei. Tinham-n'a derrubado! Os campos estavam cortados pela estrada, as hervas calcadas pelo pisar dos trabalhadores do caminho, as aves tinham fugido espavoridas com os tiros das minas na pedreira... Aqui, como lá bem longe, estava só de todo... De repente, pude ver, com os olhos arrasados de lagrimas, o meu anjo no mesmo logar a olhar para mim como d'antes, a chamar-me como d'antes, porém mais triste do que nunca... Caminhei direito a elle, fitando-o sempre... Faltaram-me os pés... Caí... Mas sei que me hei de levantar breve, e d'esta vez hei de aproximar-me d'elle para não mais o deixar... Até que em fim... comprehendi-o... Dizia-me que estava longe... bem longe...

E estava!... Conchegou-nos a morte; a felicidade... a riqueza... debalde as procurei na terra;... mas agora... sei que as vou encontrar no ceo.

Passada meia hora, o Thomaz da tia Annica, o Thomaz dos passarinhos, como por alli lhe chamavam, era cadaver.

RODRIGO PAGANINO.

O BÉTELE E ACCESSORIOS PARA USAR D'ELLE.

O tabaco, o opio e o bétele, são os tres flagellos da bolsa e da vida do homem, e comtudo cada vez se generalisa mais o seu uso!

O vicio do tabaco reina em todas as partes do mundo; o opio na China; o bétele na India. Por mais que a medicina tenha bradado contra estes venenos, chamemos-lhe assim, ninguem se quer privar das sensações que todos esses vegetaes produzem.

Fallaremos hoje do bétele, figurado no desenho n. 2 da gravura junta, não só por ser menos conhecido entre nós, mas porque frequentemente alludem a esta herva todos os nossos historiadores da India.

O bétele é uma planta asiatica, da familia das pimenteiras, e tão picante e amarga que os indios, que sempre a trazem na bocca, não a podem mascar sem mistura de areca, de cal em pó, e outros ingredientes que a suavisem.

Assim como entre nós ha pretextos hygienicos para justificar o uso do tabaco, os indios dizem que o bétele é digestivo, e que tem muitas outras virtudes medicinaes. Não está este ponto averiguado; o que se sabe, porque se vê, é que ennegrece os dentes, e os faz caír em poucos annos. Como o uso do bétele é commum a ambos os sexos na Asia, as mulheres, nas terras onde o vicio é mais inveterado, fazem gala de trazer os dentes negros, e a bocca como uma chaminé. Não é raro ver raparigas de dezoito annos, e menos, já desdentadas. Para cohonestar o vicio chamam-lhe moda!

Não occultaremos, porém, que alguns naturalistas tem reconhecido as propriedades medicinaes attribuidas pelos indios ao bétele. Um d'elles, o celebre Raspail, parece approval-o no seguinte periodo da sua *Révue complémentaire des sciences appliquées á la Médecine*, vol. I. pag. 121.

« A Malaca les jeunes filles vous font les honneurs de la maison en vous offrant une chique de bétel, comme elles vous offrent en Europe le thé ou des pâtisseries. A cet effet elles prennent sur leurs genoux un plateau en laque rouge, sur lequel elles étalent des boîtes à savonnette en cuivre, renfermant différents piments qu'elles pétrissent, et dont elles forment des boulettes pour les offrir aux arrivants, en avertissant les européens que cela brûle: *arde, arde.* Elles pétrissent aussi les feuilles du poivre bétel avec de la chaux vive; et ce mets incendiaire remet vite la digestion en bonne voie, bien loin de la troubler. »

Para intelligencia da estampa, basta lermos o que escreveu o nosso dr. Garcia de Orta nos seus *Colloquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da India*, impressos em Goa no anno de 1563, livro famoso, e hoje rarissimo, a ponto de se não conhecerem no reino e fóra d'elle mais que seis exemplares, segundo diz o nosso amigo e collaborador Innocencio F. da Silva no seu *Dicc. Bib.*

Garcia de Orta esteve muitos annos exercendo a clinica nos estados da India, onde morreu, deixando n'estes *Colloquios* um monumento do seu grande estudo da botanica indiatica.

No ultimo colloquio ou dialogo com o interlocutor que figura sob o nome de Ruano, tratando do bétele, discorre d'este modo:

RUANO — Parece-me, senhor, que nos esqueceu fallarmos do *betre* (bétele), pois é tão acostumada com elle a gente de todas estas partes; sómente a vossa mercê o não vi comer nem provar; e diz-me a gente d'esta casa que nunca vol-o viram comer. Parece ser que ou sois muito pertinaz, ou em vós ficou a fé de portuguez sómente.

ORTA — Eu para mim tinha que já a pratica do *betre* era acabada; mas pois a minha memoria é tão fraca, perdoae-me este esquecimento como outros muitos que por mim podiam passar; e quanto a não no comer eu, não é isso prova de não ser elle muito bom, senão de muita pertinacia, como vós dizeis, porque eu provei este *betre* quando vim de Portugal a Pangim, e amargou-me; e assim amarga a todos os que o comem se lhe não misturam areca [1], e alguma pouca quantidade de cal, e com esta mistura dizem ser muito saboroso sumo; e a mim me ficou d'esta prova tal aborrecimento, que nunca pôde acabar commigo o Nizamoxa que o comesse.

RUANO — Não lhe misturam alguma outra coisa mais que o que dissestes?

ORTA — Misturam cate [2], e as pessoas poderosas camphora de Borneo, e alguns linaloes [3], e almiscar ou ambre.

. . . .

Com esta mistura o *betre* é tão aprazivel ao gosto, e faz tão bom cheiro, que todos o mastigam continuamente, porque muito pouco tempo passa que o não mastiguem os que o podem gastar; e digo isto porque no sertão e terras afastadas do mar vale muito caro, e por esta causa gasta o Nizamoxa em elle 30 mil cruzados, porque toda a fruta que vos dão é essa, e quando vos querem despedir, com isso vos despedem; e gasta cada um d'este *betre* como póde; e tambem os senhores cada um segundo seu merecimento; e ás vezes o dá el-rei por sua propria mão, e a outros pela alheia, que é o pagem d'elle a quem chamam xarabdar.

E prezam-se tanto os indios d'isso, que por ter o *betre* umas veias ou nervos ao longo da folha, a tomam na mão, e tirando-lh'os com a unha do dedo pollegar, a qual não tem romba ou redonda como nós, senão com uma ponta aguda no meio que para este effeito fazem, dobram a folha e lhe misturam a cal em pouca quantidade, e areca em pe-

[1] Fruto da palmeira que já descrevemos a pag. 207 d'este volume.
[2] Herva mui adstringente e cheirosa.
[3] Aliás lenho aloes, chamado calambuco na India.

daços ou moida, e dobrada a folha tres ou quatro vezes, a mastigam, e o primeiro sumo lançam fóra, o qual é de côr de sangue, e algumas pessoas não fazem isto, senão que mastigam logo tudo, e tomam depois outras folhas pela mesma maneira feitas; e o ordinario d'isto é quando se despedem de alguma pessoa, ou se ella despede por si, dão-lhe folhas em uma bolsinha de tafetá com alguns grãos de areca e cate, e uma pouca de cal amassada. E esta cal não lhe faz mal, porque é pouca em quantidade, e feita de ostras queimadas, pela maior parte. Já lhe disse que segundo a pessoa que o dá, ou a quem o dão, assim é o numero de folhas, porque os principes que despedem alguma pessoa, ou elle se despede, não se parte até que lhe dêem o *betre*, que é o signal de se despedirem.

Ruano — Parece que é o principal mantimento da terra. Ha-o em todas as partes? e quando é o tempo mais usado para o mastigar?

Orta — Principalmente quando os homens vão fallar a alguma pessoa de qualidade o levam mastigando na bocca, para fazer bom cheiro; e é entre elles tão aborrecido cheirar mal o bafo, que quando fallam os menores com alguma pessoa de auctoridade, tem a mão diante da bocca um pouco afastada para lhe não dar mau cheiro.

E depois do comer, toda a pessoa d'esta terra o come ou mastiga, porque dizem que não no fazendo lhe vem o comer á bocca e o arrevessam.

E muitos portuguezes dizem que quando comem peixe logo arrevessam, se não comem *betre;* e dizem muitos que as pessoas acostumadas a o comer lhe cheira mal o bafo se o não comem, pela indigestão ou putrefacção do cibo causada no estomago, e quando o comiam a não tinham.

Este *betre* não o comem alguns dias os que perderam pae ou mãe, e assim o não comem em alguns grandes jejuns.

Ruano — Queria saber a feição da arvore, posto que a folha a vi; e como se chama? e qual é o melhor? e para que aproveita em uso de physica?

Orta — O nome em malabar é *betre*, e em decani, guzarate e canarim *pão*, e em malaio *siri*.

Ruano — E como tomam o nome malabar, e deixaram os outros, que mais razão fôra lhe chamar *folium indum*, como nós temos que é, ou chamar-lhe, como em Goa lhe chamam, pão.

Orta — Chamâmos-lhe *betre* porque a primeira terra dos portuguezes conhecida foi o Malabar; e a mim me lembra que não diziam em Portugal senão o Calecut; e isto porque esta cidade foi d'onde se levava toda a droga e especiaria ao estreito de Meca; e era uma riquissima escala; e agora, em vingança do que nos fizeram em Calecut, é perdido o trato todo d'elle; e sendo o rei de Calecut imperador, tem menos poder que o de Cochim, porque nos ajudou no principio. De modo que todos os nomes que virdes, que não são portuguezes, são malabares, assim como betre, chuma que é cal, maynato que é lavador de roupa, patamar que é caminheiro, e outros muitos. E ao que dizeis que se chama *folium indum*, não se chama assim em lingua nenhuma, e o *folium indum* é muito differente d'elle, e Avicena faz capitulo de um e de outro em separado.

Ruano — Muito espantado estou, porque sempre tive que esse era mais conforme nome para o *betre*.

Orta — Eu tive esse vosso error quando cheguei á India, e d'ahi a alguns dias fui ver o Nizamoxa, a quem vulgarmente chamam Nizamaluco; querendo-lhe fazer uma composição para o estomago, lh'o receitei; e dizendo que *folium indum* era o que mastigava cada hora, se riu de mim, porque entendeu aquella palavra de folio indo em portuguez; e entonces me amostrou o Avicena em arabio, onde estavam dois capitulos differentes um do outro, isto é, o folio indo 249, e do betre 707. E sabei que Avicena chama ao betel, tembul, e parece ser vocabulo um pouco corrupto, porque todos lhe chamam tambul e não tembul.

Ruano — Afóra dizel-o um rei, não tendes outra prova, porque, ainda que se diga commummente «palavra de rei» é proverbio, e não quer dizer que não mentem os reis, senão que nunca haviam de mentir, pois são reis.

Orta — Tenho os dois capitulos diversos de Avicena, e perguntae a qualquer arabio ou ethiopio como se chama o *betre*, e dir-vos-ha *tambul;* e diz o mesmo Avicena que conforta os dentes, e sempre o mastigam os indios para isso, e mais conforta o estomago.

Ruano — Dizei a feição da folha, e se tem semente, e como se planta, e qual é melhor?

Orta — A feição da folha é ser mais comprida, e mais estreita na ponta que a da larangeira; tem-se por melhor o mais maduro, porque trinca e sôa mais na bocca. Em Maluco tem o *betre* uma semente torcida como rabo de lagartixa, e a esta acham mais saborosa e melhor. Planta-se como parreira, e põe-lhe alguma estaca a que se arrime, e vae por ella trepando assim como a nossa hera; algumas pessoas, por fazer mais proveito, a arrimam ás arvores da pimenta ou da arequeira, e fazem umas graciosas ramadas d'elle. Quer-se muito bem tratado, muito limpo e bem aguado.

Ha já tres seculos que o nosso Garcia da Orta suppunha acabado o uso do bétele; e elle ainda dura, e ha de continuar sempre a separar os asiaticos dos europeus, a quem tanto escarnecem os chins, principalmente, dizendo que nós temos os dentes brancos como os cães!»

QUEBRA DOS ESCUDOS EM GOA NA MORTE DEL-REI D. MANUEL.

Na obra, a que por varias vezes nos temos referido n'este semanario, intitulada *Lendas da India* [1], publicada por ordem da academia real das sciencias de Lisboa, se nos deparou a descripção da maneira sentida por que em Goa se recebeu a noticia da morte del-rei D. Manuel, e a solemnidade com que se fizeram as exequias, e a ceremonia da quebra dos escudos.

Partiram de Lisboa no anno de 1522 tres naus, das quaes só pôde continuar viagem até Goa a de D. Pedro de Castello Branco, que alli chegou em um domingo, 20 de agosto, e mandou recado ao governador, que então era D. Duarte de Menezes.

Deixaremos agora fallar o nosso escriptor a sua singela linguagem, despojando-a unicamente da orthographia, por vezes barbara, de que usa, por não difficultar a leitura ás pessoas menos habituadas a manusearem escriptos antigos.

«Amanheceu *(D. Pedro de Castello Branco)* na barra, onde, passando uma almadia com dois pescadores, n'ella mandou um homem com uma carta ao governador, em a qual lhe dizia que el-rei D. Manuel era fallecido vespera de Santa Luzia, 12 de dezembro do anno de 521 [2], e alevantado por rei seu filho o principe D. João.

«Com esta carta foi o homem a Goa, e entrou na

[1] T. II. P. II. p. 730

[2] Aliás, dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, como diz Goes na *Chr. del-rei D. Manuel;* e não nos lembra agora qual dos nossos poetas a isso allude dizendo:

Prantos fazem em Lisboa
Dia de Santa Luzia,
Por el-rei Dom Manuel
Que se finou n'este dia.

sé, onde o governador estava á prégação, que prégava o bispo D. Diogo. O homem, com a carta na mão entrado na sé, o conheceram no vestido ser homem do reino, e fez alvoroço á gente.

«O homem foi ao governador e lhe deu a carta, que o governador leu; com ambas as mãos deu com ella grande pancada no rosto, dando grandes urros de chôro, o que na gente fez grande espanto, porque tambem o homem começou a prantear, sem dizer nada, posto que muitos lh'o perguntavam. Ao que o bispo á pressa se desceu do pulpito e foi ao governador bradando:—Senhor, fallae, dizei-nos esta tão triste nova com que tanto pranteaes.—O governador não podendo deitar a falla fóra da bocca, respondeu:—A nova para todos é má, que o nosso bom rei é morto!—Com a qual falla se deitou no chão, esbofeteando seu rosto, depennando as barbas, e deitou sobre a cabeça uma capa de um seu criado, com que se saíu e foi para sua casa fazendo grande pranto, e o bispo com todos os fidalgos, que se foram com elle, todos fazendo seus grandes prantos; o que fez tamanha tristeza, que quantos homens e mulheres e familia estavam na egreja, alevantaram grandes gritos e prantos. Cada um cobrindo suas cabeças com as abas das capas, e as mulheres seus mantos, se foram para suas casas, pranteando pelas ruas; com que em todas as casas se alevantaram grandes prantos vendo prantear a todos. O governador se fechou em suas casas, e outro tanto fez o bispo, e todos os fidalgos, em quanto se faziam seus vestidos de dó.

«Logo n'este dia foi deitado pregão, que toda a pessoa, homem e mulher, que vivesse nas terras del-rei, gentios e moiros, christãos e portuguezes e seus escravos, tomassem dó por el-rei morto, sob grandes penas; o que todos fizeram cumpridamente.

«N'este dia á noite desembarcou D. Pedro, que se metteu com o governador, dando-lhe conta das coisas, e as cartas del-rei novo. Ao que logo a cidade ordenou o saimento, para o que na sé se fez uma eça de onze degraus, que maior não coube na egreja, com sua tumba, que com os tres degraus de cima eram cobertos de veludo preto, e os outros de pannos pretos, e na tumba cruz de setim branco, tudo cercado de grades pretas; em cima de tudo um sobreceo preto muito alto, franjado de branco e preto, com uma cruz branca, e no meio d'elle pendurada a bandeira com as armas das quinas de uma banda e da outra a divisa da esphera; e por todos os degraus nos cantos castiçaes de prata com velas grossas, e nos degraus de veludo e da tumba castiçaes de prata das egrejas com brandões, e á cabeceira da tumba a cruz da sé, mui grande, e por baixo, por dentro e fóra das grades, duas andainas de tochas: o que tudo se fez até terça feira ao meio dia, e á vespera se ajuntou toda a clerezia e frades, não cessando nunca de se dobrar os sinos da sé e de todas as egrejas, sem ninguem trabalhar, sómente os tintureiros e os alfaiates para o fazer do dó.

«E terça feira o governador saiu de sua casa com seu grande dó, com muitos fidalgos. Todos chorando se foram á sé, onde se disseram as vesperas com toda a solemnidade, onde se ajuntou tanta gente, que dentro nem fóra não cabiam, e o officio fez o bispo com muitas solemnidades, com mais choros que cantares; que acabando, ao *requiescat in pace* foi respondido com grandes brados e gritos, com grandissimos prantos, dando com a cabeça nas paredes, esbofeteando seus rostos, depennando suas barbas, fallando muitas palavras mui lastimosas, que cada um dizia segundo sentia a dor. Os gritos das mulheres e pranto do povo era coisa d'espanto. Com que cada um se tornou a suas casas, e o governador, acompanhado de toda a gente, se foi a sua casa.

«Ao outro dia o governador se tornou sé com á toda a gente, e acudiu todo o povo, onde todos os sacerdotes disseram missas de *requiem*, com seu responso e agua benta sobre a tumba, e por derradeiro o bispo disse a missa em pontifical com suas solemnidades e ladainha; e tudo acabado com grandes prantos, o governador se saíu com toda a gente, e se foi ao terreiro de suas casas, onde já estavam os officiaes da camara com muito povo, onde trouxeram um escudo feito em uma taboa delgada, preto, pintadas n'elle as armas reaes, que para isso se fez, o qual o governador tomou nas mãos, e alevantou quanto pôde, e com brados de voz chorosa disse:—O muito excellente e poderoso grande rei D. Manuel, nosso senhor, é fallecido d'esta vida presente, que nosso Senhor levou para si.—O que acabando deu com o escudo em um banco, e quebrou em pedaços, com grande pranto que se alevantou em todo o povo. Ao que eram presentes muitos moiros estrangeiros, mercadores, que isto viram, que assim choravam como se foram naturaes, espantados de taes prantos. Onde logo veiu um homem a cavallo, com grande dó todo o cavallo coberto, com uma bandeira preta farpada, muito comprida, posta em uma haste preta, que deitou sobre o hombro, e deitou por detraz, tanto que ia toda arrastando pelo chão. O governador se recolheu para sua casa.

«Este alferes se foi á rua direita, que todo o povo seguiu, o qual na entrada da rua deu o mesmo pergão como o governador, e um vereador apresentou ao capitão da cidade outro escudo, que assim quebrou, e o povo respondeu com pranto; e no cabo da rua se fez outro tanto; com que se tornou a camara da cidade, e se recolheu, e cada um para sua casa.

«E logo á tarde o governador saiu de suas casas com ricos vestidos, e collar de pedraria, e o capitão da cidade e fidalgos assim vestidos louçãos, todos a pé, e o governador cavalgou em um cavallo muito ajaezado, onde acudiu muito povo, com que o governador foi á porta da camara, onde de dentro lhe trouxeram a bandeira real de damasco branco e verde, com franja de fio de ouro e verde e branco, com seus cordões, de uma parte as quinas e da outra a cruz de Christo, em uma haste doirada e das côres, que o governador tomou e metteu em um tiracollo, levando adiante trombetas e atabales; onde no meio do terreiro o governador deu pregão, dizendo: —Real, real, real, por el-rei D. João, nosso senhor, rei de Portugal.—O que o povo outorgou, respondendo com as palavras do mesmo pregão. E outro tanto fez na rua direita, e á porta da sé, d'onde se tornou á porta da camara, onde entregou a bandeira, e se foi a sua casa, e todos, que se tornaram a metter em seu dó, com que esteve encerrado dez dias, nos quaes chegou D. Luiz, que vinha de Ormuz, onde na barra dando-lhe a nova da morte del-rei, esteve assim embarcado até lhe fazerem seu dó, e se desembarcou de noite, e se metteu com seu irmão, fazendo seus prantos; onde assim ambos encerrados, D. Luiz lhe deu conta das coisas que fizera em Ormuz.

«O qual logo o governador despediu e mandou a Cochim que fosse fazer as obsequias del-rei; o qual logo partiu, e em Cochim fez todas as obsequias e ceremonias em muita perfeição, como fizera o governador; o que o rei de Cochim veiu ver, mostrando muito sentimento pela morte del-rei, e fez seu dó segundo seu costume, porque lhe foi ensinado que era costume entre os reis tomarem todos dó quando outro morria, inda que se não conhecessem. O que assim se fez em todas as fortalezas da India, e por toda a India se trouxe dó passante de tres mezes».